

Título: Imagem e Memória na Estrada Real - Documentando a Cultura entre o Serro e Diamantina¹

Autor(a): Andréa Casa Nova Maia

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)

A idéia da produção de um vídeo digital sobre a cultura e a vida cotidiana dos cidadãos que habitam as vilas e cidades à beira do antigo Caminho dos Diamantes, na região entre o Serro e Diamantina, surgiu a partir de um outro projeto anteriormente desenvolvido para a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) durante o ano de 2004. O projeto, intitulado “Paragens da Memória - História, Turismo Cultural e Educação Patrimonial na Estrada Real – trecho do Vau a Mendanha (município de Diamantina)”, possibilitou meu conhecimento da região.

À época, o recurso à metodologia da história oral ajudou a penetrar no universo das representações populares relacionadas à história da Estrada Real. As memórias coletadas forneceram narrativas sobre o trabalho nas margens da estrada - a inserção social dos depoentes na comunidade local e regional. Os relatos revelaram as dificuldades encontradas pelo homem do Alto Jequitinhonha para sobreviver e melhorar de vida, mas também permitiram vislumbrar as estratégias individuais e coletivas que eles empregaram para enfrentar aquelas dificuldades.

Essas narrativas falaram do cotidiano nos lugares à beira da Estrada Real, dos momentos de diversão, devoção, festa, choro e dor. As memórias dos velhos moradores foram, portanto, fundamentais para a identificação dos lugares de memória que dizem respeito, de fato, aos grupos de moradores da região, nem sempre coincidentes com os monumentos tombados pelos órgãos governamentais, ou consagrados pelas elites da região.

O projeto resultou na produção de artigos, apresentação de conferências, oficinas sobre patrimônio na região, além da produção de um site que está hospedado na página da Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo e conta com toda a documentação histórica sobre a região presente nos arquivos mineiros, mapas, entrevistas, história da região, fotografias e artigos produzidos ao longo do mesmo.

¹ Este *paper* é dedicado ao artista Tarcísio Gomes de Deus, o Tatá, falecido em outubro de 2005, no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras – Serro/MG, que muito contribuiu para a realização desse projeto. Foi apresentado no Encontro Regional Sudeste de História Oral, em novembro de 2005, na UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais.

Naquela ocasião, acabamos nos concentrando na história das tropas. Mas a partir de toda a experiência na realização do projeto anterior, surgiu a idéia de desenvolver um vídeo documentário que centra-se o foco na questão da cultura e do cotidiano dos moradores, principalmente no que diz respeito ao chamado patrimônio imaterial, recentemente redescoberto pelos órgãos de cultura governamentais a partir da Constituição de 1988 e de novas regulamentações no registro de patrimônios artísticos e culturais, como a aprovação do Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o inventário e o registro do denominado “patrimônio cultural imaterial ou intangível”, recuperando, em vários pontos, uma antiga preocupação de alguns intelectuais brasileiros, entre os quais se destacou Mário de Andrade, relator do ante-projeto de fundação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (datado de 1936).

Através de várias visitas de pesquisa na região, acabamos nos deparando com uma riqueza cultural imensa, decorrente do processo de colonização e da descoberta do ouro e do diamante nas Minas ainda no século XVIII. Tal riqueza é facilmente percebida na alimentação, no vestuário típico, nas manifestações religiosas, no conhecimento das plantas do cerrado (para cura de doenças), na cerâmica, na tapeçaria e outras manifestações que, suscitam uma preocupação, tendo em vista os processos de globalização (mundialização da cultura) contemporâneos que ameaçam a preservação dessas manifestações culturais, seja através da introdução dos meios de comunicação de massa (principalmente a televisão), seja através de um turismo que pode se mostrar danoso quando não realizado de maneira responsável.

Por isso, a preocupação de criar um mecanismo que levasse às comunidades e, sobretudo, através das escolas, às novas gerações, um produto que possibilitasse a criação de uma consciência preservacionista. Daí a idéia de um vídeo que promovesse a valorização da cultura regional, no intuito de não só levar para o mundo o conhecimento dessas ricas tradições culturais, remanescentes do mundo barroco da Colônia, bem como suscitar, nas comunidades, o debate sobre como preservar a cultura, até para a geração de emprego e renda, através do Turismo Cultural.

O vídeo documentário, nesse sentido, viria a cobrir uma lacuna, pois funcionará como um inventário desse patrimônio intangível. A idéia é que o roteiro se constitua num retrato da cultura local através de uma narrativa que será construída sobre imagens coletadas do cotidiano das comunidades, “modus vivendis” ao longo de 24 horas. Tempo de acordar, catar lenha, acender o fogão de lenha, torrar o café e fazê-lo; ordenhar a vaca, fazer o queijo, moer o milho para fazer fubá no moinho de uma cachoeira, ir para à várzea

colher samambaia, quiabo da lapa, para começar a preparar o almoço; almoçar, voltar ao trabalho, tecendo um tapete ou fazendo arte da argila da terra, criando belas peças de cerâmica; visitar uma benzedeira, uma parteira; observar as crianças brincando na porta da igreja barroca; tomar banho e se vestir para a missa; rezar; festejar à noite numa Festa do Rosário ou numa festa do padroeiro da cidade, quando se sai para a procissão; ou mesmo participar de uma serenata, bolerata ou vesperata; tomar “cachaça com desculpa”(ervas e cipós curtidos no álcool com propriedades medicinais) e, no fim da noite, descansar depois de dançar um forró típico. Imagens captadas, que relacionam natureza e memória. Modernidade e Tradição.

É um pouco do que estamos construindo ao longo desse projeto, ainda inacabado e dos desdobramentos teóricos no que tange ao trabalho com a metodologia de História oral, desta vez, utilizando como suporte o vídeo, que pretendo discutir nesse texto.

1.1. Imagens do presente, falas do passado: um patrimônio em movimento.

Captar o cotidiano dos sujeitos comuns que vivem a vida às margens do que convencionou-se chamar de “Estrada Real”, em sua ponta norte, entre o Serro e Diamantina, através de uma câmera de vídeo. O que isso pode significar em termos da relação possível entre imagem, narrativa e memória? E o que esse processo pode significar para o patrimônio?

Primeiro temos uma produção que também será memória. Mais um *documento-monumento*, nos diria Jacques Le Goff. Um determinado vestígio do passado recente, um determinado olhar, recorte do vivido dos homens no tempo. Olhar subjetivo daquele que grava, daquele que dirige e decide o que será gravado e, no fim, o que será editado e ficará como objeto de memória para aquela comunidade. Instrumento vivo, rico e interessante é o vídeo, para relacionarmos a memória, o patrimônio e a cultura. Imagem em movimento do que está acontecendo hoje nas comunidades visitadas. Antigas tradições preservadas que a lente olha, que a fita mini-DV grava, guarda, cuida de não esquecer.

Esse olhar recortado do tempo presente fala de um passado em movimento, que tentamos reter através da imagem gravada, mas que é movimento, pois é uma manifestação atual de um viver que permanece. Uma moça conta como era tomar café, outra como era colher o café, torrar o café, pilar o café, peneirá-lo, fazê-lo virar pó, coá-lo no “mancebo”, deixá-lo quentinho no fogão de lenha, presente ali naquela casa há mais de 100 anos. Os objetos da casa, todos, com uma história que faz a senhora lembrar de outros tempos,

quando ela vendia o café... Imagens verbalizadas, imagens da memória, imagens agora retidas em outro tempo, o do vídeo. Dona Sebastiana, a descendente daqueles primeiros habitantes de São Gonçalo do Rio das Pedras, conta da venda do café, mostra como se fazia em seus tempos de infância, mas também deixa gravada a memória da trajetória familiar, e da importância de seus pais e avós no cultivo da uva, cujas parreiras o *videomaker* retém, enquanto Dona Sebastiana conta como sua família produzia o vinho moscatel, tradição herdada dos padres beneditinos que por lá passaram em outros tempos.

Mas as parreiras estão lá, naquela casa e na casa vizinha, e também enfeitando a entrada do Bar de Ademil, outro guardião da memória da vila de São Gonçalo. Senhor Ademil também é descendente dos produtores de vinho dali. Sua venda fornece de tudo um pouco para os moradores da vila. Ele e sua família ainda produzem o vinho e, junto com outros produtos produzidos artesanalmente ali, no fundo do quintal, o vendem no famoso Bar do Ademil. Além de vinho, há o licor, a marmelada, a goiabada, o queijo... Nas prateleiras, a memória familiar. Além de vários produtos, cachimbos indígenas, artefatos arqueológicos de outros tempos, estão pendurados pelo teto, junto com fotos e outros objetos que contam a história do lugar. Os filhos de Sr. Ademil conhecem a história e contam, na função de “guias turísticos” a história do vilarejo e da região, a partir dos vestígios que foram encontrando e guardando ali. Uma venda que também é uma espécie de museu (ainda que numa concepção mais tradicional), onde também podemos apreciar várias fotos penduradas nas paredes da sala onde jovens jogam sinuca vendo a vista panorâmica do lugar.

A memória está em movimento e para nós, pesquisadores, é importante ter isso em mente. Não estamos buscando reduzir nossa tarefa ao simples “resgate dos objetos ‘autênticos’ daquela sociedade. Aliás, como bem salienta Nestor Garcia Canclini:

Parece que devem importar-nos mais os processos que os objetos, e não sua capacidade de permanecer “puros”, iguais a si mesmos, mas por sua representatividade sociocultural. Nessa perspectiva, a investigação, a restauração e a difusão do patrimônio não teriam por finalidade central almejar a autenticidade ou restabelecê-la, mas reconstruir a verossimilhança histórica e estabelecer bases comuns para uma reelaboração de acordo com as necessidades do presente.(CANCLINI, 1997, p.202).

É muito importante para os desdobramentos da produção do vídeo, que é também o resultado de uma pesquisa sobre o patrimônio local que se tenha claro a necessidade de ruptura com um certo realismo ingênuo, que a epistemologia realizou há tempos. Algumas

vezes, ao nos perguntarmos o objetivo de estarmos ali, ouvindo essas pessoas contar sobre o que viveram, como viveram e como vivem, temos a errônea impressão de que o conhecimento científico, de que nossa apreensão objetiva daquela história do cotidiano, poderá, ainda que por poucos instantes, reproduzir a vida. Estamos bem próximos disso, mas a câmera e as filmagens nos mostram que a vida não é o que ficará retido no vídeo. O vídeo, o conhecimento científico não pode reproduzir a vida, “tampouco a restauração, nem a museografia, nem a difusão mais contextualizada e didática conseguirão abolir a distância entre realidade e representação” (CANCLINI, 1997, p. 202).

Aprendemos com o trabalho de campo que nosso documentário será também como uma espécie de museu. A busca pela criação de um documentário que possa servir para as escolas da região discutir a importância da preservação. Ou seja, um vídeo que tem um objetivo didático de instigar o debate sobre o patrimônio, uma iniciativa científica que tem esse desdobramento na educação patrimonial, é uma *ferramenta metalingüística*. Concordamos aqui com a hipótese de Canclini de que “toda operação científica ou pedagógica sobre o patrimônio é uma metalinguagem, não faz com que as coisas falem, mas fala delas e sobre elas”. (CANCLINI, 1997, p. 202).

Nesse sentido, o projeto de um vídeo documentário sobre a cultura do povo que habita a região entre o Serro e Diamantina reflete o significado que tem um museu ou qualquer política patrimonial. Assim como esses “lugares de memória”, iniciativas institucionais e/ou pesquisas, nosso vídeo acaba por tratar “os objetos, os edifícios e os costumes de tal modo que, mais que exibi-los, torna(m) inteligíveis as relações entre eles, propõem hipóteses sobre o que significam para nós que hoje os vemos ou evocamos.” (CANCLINI, 1997, P. 202). Não só para nós, pesquisadores, turistas ou “estrangeiros”, mas também para os próprios habitantes, novas e antigas gerações.

1.2. O vídeo: narrativa da viagem

Falamos, através do vídeo, sobre crenças, costumes, modos de viver tradicionais e atuais. O vídeo é uma narrativa, ou seja, o vídeo é também uma organização de uma linguagem numa estrutura que transmite uma avaliação dos acontecimentos de maneira conectada e ordenada. Evoca a idéia da seqüência, mesmo que apresente um resultado não linear. De certa forma também somos narradores dessa história, assim como os “personagens” que vão aparecendo no vídeo.

Ao caminharmos pela “Estrada Real”, por entre as vilas e cidades da região, com câmeras e máquinas fotográficas, vamos narrando o percurso, cortando e colando imagens do cotidiano. Somos narradores e também caminhantes *outsiders* – somos estrangeiros, caminhamos de certa forma “à deriva”, procurando reter memória e identidades, num canto do mundo que, apesar de aparentemente se mostrar intocado, também é atingido pela conjuntura de uma época destituída de memória e expectativas. Assim como a grande metrópole, as vilas e cidades da ponta norte da Estrada Real são topografias pelas quais viajamos buscando criar sentidos, pontos de referência no mar da cultura, paragens da memória.

Ora, o narrador, o contador de história, já dizia Benjamin: “é e permanece aquele das fábulas”. (BENJAMIN apud MATOS, 2001, p.17.) E o que é a fábula, senão a história tornada experiência? Olgária Mattos chama atenção para a idéia de que a experiência alia-se ao sentido de viagem e nos explica que “a palavra alemã *Erfahrung* provém de *fahren* – viajar – e em seu sentido mais antigo diz respeito a “atravessar uma região durante a viagem”. (MATOS, 2001, p.17). Isso nos ensina que a viagem é um exercício de deslocamento que nos dá a ver a ação do tempo. Viagem que mostra descontinuidades na tradição:

“ a herança não é uma aquisição, um bem que se acumula e se petrifica; é antes, um conjunto de falhas, de camadas heterogêneas que a tornam instável. A pesquisa da procedência (*Herkunft*) agita o que parecia idêntico e imóvel, fragmenta o que parecia unido. Mostra a heterogeneidade do que parecia e se imaginava em conformidade consigo mesmo”. (NIETZSCHE apud MATOS, 2001, p. 17).

Viajantes dos campos rupestres, das trilhas do tempo de tropas e do tempo do *off-road*, vamos catando e produzindo imagens, vamos contando e ouvindo “estórias” que se tecem na própria ameaça de esquecimento. Mas é o esquecimento mesmo que permite que contemos mais uma vez essas e outras “estórias”, de um jeito diferente, em suportes diferentes...agora com a tecnologia do vídeo. Narrando o novo, o que nunca é contado da mesma forma, como se a narrativa fosse ela mesma como o rio Jequitinhonha e estivéssemos atravessando seu “Vau”; o vão aberto por nossa própria indeterminação enquanto homens incompletos que somos, sempre atingidos pela indeterminação dos tempos, também heterogêneos, plurais, que nos vão ajudando a construir nossa identidade, sempre incompleta. Ou, como diria o narrador do Grande Sertão Veredas, Riobaldo, que fala das mesmas terras e trilhas encravadas *nonada*:

“o senhor mire e veja, o importante e bonito no mundo é isto? Que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior é o que a vida me ensinou (...), que a coisa mais linda é que o homem não está nunca terminado”. (ROSA apud MATOS, 2001, p. 18).

1.3. O vídeo: bricolagem do cotidiano

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.” (DE CERTEAU, Michel., 1996, p.31).

Morar. Cozinhar. Festejar. Morrer. Começamos com a casa. Às cinco horas da manhã as chaminés das casas liberam a fumaça dos fogões de lenha que se acendem para o café que inicia o dia. A lenha queima no fogão fabricado pelo Sr. Nestor, homem de 90 anos que mantém a tradição da fabricação do fogão de madeira, de encaixe, que embeleza as cozinhas das antigas casas que ainda preservam o velho hábito. Dona Sebastiana e sua filha contam do modo de preparo do café. Mostram objetos: um pilão de madeira lá fora, uma peneira, um mancebo. O outro fogão imita uma casa de cupim lá fora e também prepara outras guloseimas. È dia de festa: as mulheres em suas casas preparam quitandas: biscoitos de goma. Numa outra casa, Dona Cida colhe jabuticabas, deixa-as de molho...No outro dia, faz geléia. Outros saem para trabalhar... Na beira do rio, as lavadeiras com seus sabões caseiros, lavam a roupa da família entoando cantigas belas, novas e antigas. Um moço caminha para o moinho carregando um saco de milho. O moinho d'água da cachoeira é aberto e, no ritmo das águas, o milho vai se transformando em fubá...Teremos angu como acompanhamento no almoço! Lucília, filha de Dona Ilidia, abre seu botequim. Antes, porém, caminhou até a várzea e colheu alguns quiabos da lapa para o almoço. Angu, quiabo da lapa e carne cozida. Tudo preparado no fogão de lenha. Depois do almoço, os meninos brincam na frente da igreja barroca. Alguns homens ainda estão na beira do rio, com suas bateias à procura de diamantes...É o garimpo. Outros, fazem do

barro artesanato, cerâmicas que também contam sobre o cotidiano de lá. Meninas tecem...a tapeçaria mistura novas e velhas técnicas, ensinando o cooperativismo. O tempo passa e já está na ora de rezar. Todos tomam banho, se enfeitam. Depois da missa, a festa. Os festeiros e os dançantes vêm à porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Índios, negros e brancos dão vivas à Nossa Senhora. Dançando, batucando e cantando, fazem o hasteamento do mastro. É uma festa de fogos de artifício. Todos comemoram e esperam o dia seguinte, quando a rainha e o rei sairão de suas casas coroados para a celebração final, com a entrada de Nossa Senhora na Igreja do Rosário. Outro dia de festa. Muita dança, festa e celebração. No fim do dia, voltam para suas casas, a vila retoma a normalidade...Mas no próximo final de semana, depois da labuta diária, há ainda o forró. Outras maneiras de festejar a vida, apesar da seca, apesar da morte de um ou outro ancião.

Referências Bibliográficas

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**.vol.2. Petrópolis: Vozes, 1994.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

MATOS, Olgária. *A narrativa: metáfora e liberdade*. In: **História Oral**, 4, 2001, p.9-24.